



Rosa Branca de
Umbanda

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO-NA-FONTE

SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

G58r

Golembiesk, Rogério

Rosa branca de umbanda / Rogério Golembieski. - 1. ed. - São Paulo : Icone, 2015
212 p. : il. ; 24 cm.

ISBN 978-85-274-1287-2

1. Umbanda - Brasil. I. Título.

15-23335

CDD: 299.672

CDU: 299.6

01/06/2015 09/06/2015

ROGÉRIO GOLEMBIESKI



Rosa Branca de Umbanda

1ª edição

Brasil – 2015

Icone
editora

© Copyright 2015

Ícone Editora Ltda.

Capa e Diagramação

Suely Danelon

Revisão

Paulo A. Teixeira

Zulma Neves de Amorim Borges

Proibida a reprodução total ou parcial desta obra, de qualquer forma ou meio eletrônico, mecânico, inclusive por meio de processos xerográficos, sem permissão expressa do editor (Lei n. 9.610/98).

Todos os direitos reservados à:

ÍCONE EDITORA LTDA.

Rua Javaés, 589 – Bom Retiro

CEP: 01130-010 – São Paulo/SP

Fone/Fax.: (11) 3392-7771

www.iconeeditora.com.br

iconevendas@iconeeditora.com.br

— Ao Herói Anônimo —

Este livro é dedicado ao Herói Anônimo.

A umbanda é, segundo o Caboclo das Sete Encruzilhadas, a manifestação do espírito para a caridade. Assim há muitos espíritos que praticam a umbanda, mesmo não sendo umbandistas. Com isso, a umbanda transcende o rótulo de religião e se encaixa como conduta ou simplesmente como uma filosofia de vida.

Neste Brasil afora, milhares de pessoas praticam a caridade mediante curas e benzimentos. Em sua maioria, os praticantes vivem no anonimato, realizam a caridade apenas pelo prazer de estender a mão ao seu semelhante. São espíritos mais evoluídos que encarnam entre nós com o intuito de nos ajudar na caminhada, levando amparo, conforto e alívio para aplacar as angústias e as dores da humanidade. Doam-se, servem sem nada pedir em troca, não se designam sacerdotes, não se manifestam publicamente, apenas escrevem sua obra no livro da vida sem vaidade alguma, sem ambições ou desejos egoístas, praticam o bem pelo prazer de servir. São os seguidores do Cristo, os defensores da caridade de Maria, são os espíritos devotados e abnegados que servem sem pedir, sem esperar e sem cobrar. São os heróis anônimos.

Tive o privilégio de conhecer alguém assim. Na minha infância, fui criado no meio rural do oeste do estado de Santa Catarina e lembro-me de que na localidade não tínhamos energia elétrica. Éramos pobres, o tratamento médico era muito caro, comparado ao poder aquisitivo da época. Então, quando alguém era acometido por uma doença ou algo que perturbasse, o primeiro a ser lembrado era “seu” Artur Alves Pereira.

Nascido em 22 de março de 1906, filho da dona Maria José Pereira, “seu” Artur começou a benzer aos 30 anos, logo depois do falecimento de sua mãe.

Faleceu em agosto de 1993, aos 88 anos. Dedicou sua vida para cuidar de sua família, de seus filhos e atender às pessoas que o procuravam nos momentos de dificuldade.

Durante sua vida, “seu” Artur teve uma conduta reta, trabalhava na roça para sustentar sua família. Viveu numa casa humilde onde nunca se viu luxo, nem vaidade. Homem de postura altiva, olhar profundo e extrema educação e respeito. Foi exemplo de vida para todos que o conheceram. Católico praticante, seu passatempo era ler a bíblia nas tardes de domingo, embaixo de um pé de uva japonesa que ficava em frente de sua humilde casa.

Deixou um exemplo digno de luz, deixou uma história que, para a maioria, já foi esquecida, fez o bem sem nada pedir em troca e a única honra que recebeu foi ser convidado a cortar um bolo no Dia dos Pais na pequena escolinha da localidade. Sei disso porque eu estava lá, por certo sou um abençoado, tive o privilégio de viver em um tempo em que os homens pareciam estar mais próximos de Deus, o tempo da dignidade da palavra de um homem, o tempo da caridade pura, o tempo em que o vizinho era alguém precioso, o tempo em que a fé e a devoção ao sagrado, faziam parte da rotina e da conduta familiar.

Dedico esta pequena obra a esse grande homem que viveu no anonimato e atendeu a centenas de pessoas. Partiu da mesma forma que viveu; anonimamente, sem honras e sem pompas, porém, deixou atrás de si, uma estrada de luz e de exemplos cristãos, dignos de serem lembrados. Por certo, há de ter colhido os seus méritos no mundo que realmente poderia lhe retribuir todo o bem que fez a mim, minha família e a todos que por ele foram atendidos.

Sou a testemunha da jornada sofrida desse grande homem, sou a testemunha desse homem que serviu sem nada pedir, mesmo precisando, mesmo tendo dificuldades, sempre encontrou tempo para seu semelhante.

Registro aqui o meu agradecimento àquele que um dia estendeu a mão sem cessar a todos nós daquela pequena localidade.

Muito obrigado e que sejas amparado pelo manto de Jesus e de Maria. Saravá!



Herói anônimo. Arthur Alves Pereira. Fotografia do RG

Foto: Rogério Golembieski. Acervo do autor.

— Agradecimentos —

Agradeço ao Sr. Ogum Sete Espadas pela paciência inesgotável com a qual me atendeu e me instruiu na senda do equilíbrio, foi o vento que me carregou como uma pequena folha. Agradeço ao seu médium Bernardo Morand por ter-me assistido com paciência inesgotável nos momentos em que eu precisei.

Agradeço a Juliano Kilinski Tavares e a Jucelio Kilinski Tavares pela colaboração nesta obra.

Agradeço ao amigo Anderson do Carmo Silva por ser um companheiro inigualável e de todas as horas.

Agradeço a todos os espíritos, guias e protetores da umbanda pela proteção e caridade com as quais sempre me assistiram.

Agradeço ao Caboclo das Sete Encruzilhadas e ao seu médium Sr. Zélio Fernandino de Moraes por terem criado a umbanda.

Agradeço ao Caboclo Mirim que pelo médium Benjamim Figueiredo, nos ensinou que “Umbanda é coisa séria para gente séria”.

Agradeço e parabênizo o Sr. Manoel Lopes, pelo brilhante trabalho que vem desenvolvendo em prol da umbanda.

Agradeço a meus filhos, Ericles e Vitoria e minha esposa Adriana, pelo apoio e incentivo.

Agradeço a Deus pela minha vida.

Apresentação

No início, a ideia era montar apenas uma apostila de estudos doutrinários para médiuns de umbanda. No entanto, à medida que os assuntos e questionamentos foram evoluindo, começaram a surgir os conflitos e divergências com as doutrinas já aplicadas em algumas tendas de umbanda em que este estudo tentou ser aplicado. Logo apareceram as divergências das culturas com os ensinamentos do Caboclo das Sete Encruzilhadas. O evangelho e a renúncia bateram de frente com a autoridade religiosa empossada pelos costumes e a vaidade. Pouco a pouco a ideia de divulgar a história e os valores da umbanda do Sr. Zélio Fernandino de Moraes encontrou forte resistência nas estruturas já estabelecidas e este trabalho acabava então sendo deixado de lado para evitar maiores conflitos.

Alegações de que médium não tem de saber, são as entidades que sabem, médium não deve ler livros, isso deturpa a umbanda, se o médium questionar as entidades ou o pai de santo, estará passando por cima da autoridade da coroa do orixá e deverá ser punido por isso, o médium deve servir o terreiro sem questionar, o médium deve cobrar pelas consultas, ou então suas entidades, sejam seu cigano, Exu, Bombojira etc. não voltam mais, geravam um conflito e tornavam gritantes as diferenças entre a doutrina primeira do Sr. Zélio e a atual cultura umbandista dos locais onde este estudo tentou ser aplicado.

Não falo de todos os terreiros ou de todas as tendas, apenas comento a história que motivou esta obra e o contexto no qual ela surgiu.

No entanto, a vida e os acontecimentos tomam por si mesmos o direito de existirem. Os questionamentos voltavam. Então esta obra partiu de uma ideia de ser uma apostila e migrou para a possibilidade de dar vida a um artigo, sem pretensões maiores, apenas tornar público aquilo que não pertence a ninguém mas é direito e obrigação de todos: o ideal da caridade.

Além de divulgar esse ideal, desejo tornar públicas as respostas aos questionamentos que haviam surgido no estudo doutrinário, bem como divulgar as informações que ajudariam os médiuns que, assim como este autor, tinham o anseio de evoluir em conhecimento sobre a religião da umbanda.

No desenvolvimento do texto, tornou-se evidente que a quantidade de informações não seria comportada por um artigo e foi nesse momento que meu guia Pai Joaquim de Angola me surpreendeu com a orientação de tornar essa humilde ideia num livro, sem pretensão de avançar nos méritos da prática da magia, porém, como ele me ensinou e dá exemplo todos os dias, servir, servir de apoio e amparo àqueles que questionam com a alma indomável a verdade sobre os fatos e buscam uma estrutura sólida para embasar suas crenças.

Com isso, este trabalho foi desenvolvido e teve como base principal “os fatos”. Na obra, a ênfase é dada na fundamentação da prática umbandista por meio de analo-

gias com o espiritismo e a antropologia. Com base em estudos de grandes antropólogos aqui citados, a obra apresenta a história da umbanda e sua primeira estrutura, a estrutura apresentada pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Esta obra não tem a pretensão de generalizar os fatos aqui expostos, nem divulgar a ideia de que a umbanda tem padrões em suas práticas mágicas mas acima de tudo, fundamental, por meio da história, que a umbanda tem seus princípios inseridos na alma humana e suas práticas, apesar de parecerem diferentes, trazem em si uma simbologia tão antiga quanto a história humana.

Acima de tudo, esta obra foi criada com a intenção de auxiliar nos estudos dos praticantes e simpatizantes da umbanda, que mantêm em seu coração a chama viva da caridade e têm como ideal o ensinamento do Caboclo Mirim, que pelo médium Benjamin Figueiredo, proferiu palavras simples e extremamente sábias nas quais se resumem todos os valores da busca de um verdadeiro médium umbandista: “Umbanda é coisa séria para gente séria”.

Introdução

Umbanda, uma religião nova, bastante polêmica e cheia de controvérsias, faz divergir opiniões e ainda busca seu lugar no contexto social. Surgiu em 1908 com o Médiun Zélio Fernandino de Moraes. Ao longo do tempo, desenvolveu-se na sociedade brasileira e teve sua prática sincretizada nas religiões que já existiam, sofrendo forte influência, assim como outras religiões africanas, do catolicismo.

Na época em que surgiu, a umbanda teve de adaptar-se ao contexto sociocultural e político do país e foi buscar seu “lugar ao sol”, tendo de ajustar-se às exigências legais e culturais da época. Até os dias de hoje, a umbanda é amplamente confundida com outros ritos que influenciaram diretamente o desenvolvimento da religião.

Este livro tem como objetivo discorrer sobre a realidade umbandista e sua trajetória desde a sua anunciação pelo Caboclo das Sete Encruzilhadas. Nesta obra singela, apresentamos dados históricos e referências bibliográficas que possam favorecer o entendimento da organização do ritual de umbanda e os fatores que o influenciaram até os dias de hoje.

Não temos a pretensão de padronizar o culto, pois dentro da umbanda existe a liberdade de expressão e prática religiosa, porém, é importante ressaltar as diferenças entre a umbanda e demais cultos semelhantes que, ao longo do tempo, foram inseridos num só contexto e acabaram por sincretizar vários rituais, mesclando práticas de outros cultos na umbanda e levando preceitos umbandistas para outros rituais. Não vamos aqui discutir, nem defender pontos de vista que visem a julgar ou a comparar o teor moral e ético de outros cultos mas destacamos o que pertence e o que não faz parte da umbanda.

Esperamos colaborar para o esclarecimento dos fatos, divulgar o contexto histórico, unificar a fé e a prática do ritual de umbanda, considerando sempre que cada tenda é regida por seu guia e cabe a ele, o direito de dirigir seu ritual, porém, a umbanda tendo como ponto de referência Zélio Fernandino de Moraes e o Caboclo das Sete Encruzilhadas, tem como dever, manter a ética que norteia seus valores, afinal, como disse o Caboclo das Sete Encruzilhadas,

1

A História da Umbanda

Toda expressão religiosa é sagrada, todo movimento superior de educação espiritual é santo em si mesmo.

(Francisco Cândido Xavier, 1944)

O surgimento da umbanda no Brasil deu-se com a manifestação do Caboclo das Sete Encruzilhadas por meio do médium Zélio Fernandino de Moraes (Figura 3). O surgimento desse culto trouxe polêmicas diversas, desde a primeira manifestação dessa entidade iluminada, que vinha trazendo do astral superior, a manifestação da religião que surgiria em terras brasileiras a fim de manifestar, como as palavras da entidade diriam: “a manifestação do espírito para a caridade”. Quando a umbanda foi anunciada, o fato ocorreu numa mesa mediúnica kardecista e as características da religião ligada aos orixás e à magia, desde o início, causaram polêmica no meio espiritualista

A seguir apresentamos um texto parcialmente adaptado por Márcia Serieiro (2014), do Livro *Umbanda cristã e brasileira*, de Jota Alves de Oliveira. Editora Ediouro.

O Movimento Umbandista teve seu início no dia 15 de novembro de 1908. Ocorreu no BRASIL, no Bairro de Neves, na época, pertencente ao Município de Niterói, RJ.

Para falar melhor deste acontecimento, é necessária algumas explicações e definições, como por exemplo:

- Quem foi Zélio Fernandino de Moraes?

Foi por intermédio do Sr. Zélio, então com dezessete anos na época, nascido em família tradicional católica, que se manifestou pela primeira vez a entidade que se denominou Caboclo das Sete Encruzilhadas.

Zélio foi acometido por uma inexplicável paralisia, sem explicação plausível para a medicina. Certo dia, ergueu-se da cama dizendo: “Amanhã estarei curado!”

De fato, foi o que ocorreu no dia seguinte: levantou-se normalmente e começou a andar, como se nada lhe houvesse acontecido. Um amigo da família, sabendo do ocorrido, sugeriu uma visita à Federação Espírita do

Estado do Rio de Janeiro, (na época sediada em Niterói e presidida pelo Sr. José de Souza). E assim foi feito...

No dia 15 de novembro o jovem Zélio foi convidado a participar da sessão. O Dirigente dos trabalhos espirituais determinou que ocupasse um lugar à mesa. Tomado por uma força estranha e superior a sua vontade, contrariando as normas que impediam o afastamento de qualquer dos componentes da mesa, o jovem levantou-se dizendo: Aqui está faltando uma flor – e saiu da sala indo ao jardim, voltando logo depois com uma flor, (uma rosa branca), que depositou no centro da mesa. Essa atitude insólita causou quase um tumulto. Restabelecidos os trabalhos, manifestaram-se espíritos que se diziam de pretos escravos e de índios; foram convidados a se retirarem, advertidos do seu estado de atraso espiritual. Novamente uma força estranha dominou o jovem Zélio e ele falou, sem saber o que dizia. Ouvia apenas a sua própria voz perguntar o motivo que levava os dirigentes dos trabalhos a não aceitarem a comunicação desses Espíritos e por que eram considerados atrasados apenas pela diferença de cor, da classe social que revelavam. Seguiu-se um diálogo acalorado, e os responsáveis pela sessão procuravam doutrinar e afastar o Espírito desconhecido, que desenvolvia uma argumentação segura.

Um dos médiuns videntes perguntou: Por que o irmão fala nesses termos pretendendo que a direção aceite a manifestação de Espíritos que pelo grau de cultura que tiveram quando encarnados são declaradamente atrasados? - Por que fala desse modo, se estou vendo que me dirijo, neste momento, a um jesuíta e sua veste branca reflete uma aura de luz? - E qual é o seu nome meu Irmão?

Então o Espírito que utilizava o jovem Zélio como canal passou a responder: - Se julgam atrasados os Espíritos dos pretos e dos índios, devo dizer que amanhã estarei na casa deste aparelho para dar início a um culto em que esses pretos e esses índios poderão dar sua mensagem, e assim cumprir a missão que o Plano Espiritual lhes confiou. Será uma religião que falará aos humildes, simbolizando a igualdade que deve existir entre todos os irmãos, encarnados e desencarnados. E se querem saber o meu nome, que seja este: Caboclo das Sete Encruzilhadas, porque não haverá caminhos fechados para mim. – Julga o Irmão que alguém irá assistir ao seu culto? – Perguntou com certa ironia o médium vidente. – Cada colina de Niterói atuará como porta-voz, anunciando o culto que amanhã iniciarei.

No dia seguinte, 16 de novembro de 1908, toda a família de Zélio, inclusive ele próprio, estavam apavorados.

Nem ele mesmo sabia explicar o que se passava. Estava surpreso em haver dialogado com aqueles austeros senhores de cabeça branca, em volta de uma mesa onde se praticava um trabalho para ele desconhecido. Como poderia aos 17 anos organizar um Culto? No entanto, ele mesmo falava sem saber o que dizia e porque dizia. Era uma sensação estranha. Uma força superior que lhe impelia a fazer e dizer o que nem sequer se passava pelo seu pensamento. E no dia seguinte, em casa de sua família, na Rua Floriano Peixoto nº 30, em Neves, Niterói, ao se aproximar da hora marcada – 20 horas

– já se reuniam os membros da Federação Espírita, seguramente para comprovar a veracidade do que fora declarado na véspera; os parentes

mais chegados, amigos, vizinhos e do lado de fora grande número de desconhecidos.

Às 20 horas, manifestou-se o Caboclo das Sete Encruzilhadas. Declarou que se iniciava, naquele momento, um novo Culto em que Espíritos dos velhos africanos, que haviam servido com escravos e que desencarnados não encontravam campo de ação nos remanescentes das seitas negras e os índios nativos da nossa terra, poderiam trabalhar em benefício dos seus irmãos encarnados, qualquer que fosse a cor, a raça, o credo e a condição social. A prática da caridade no sentido do Amor Fraternal seria a característica principal desse Culto, que teria por base o Evangelho de Jesus e como Mestre Supremo o Cristo.

O Caboclo estabeleceu as normas em que processaria o Culto. Sessões – assim se chamariam os períodos de Trabalho Espiritual – diárias, das 20 às 22 horas: os participantes estariam uniformizados de branco e o atendimento seria gratuito. Deu também um nome a esse movimento religioso que se iniciava, disse primeiro Allabanda, mas considerando que não soava bem a sua vibração substituiu-se por Aumbanda e mais tarde por Umbanda, palavra de origem Sânscrita. A casa de trabalhos espirituais que no momento se fundava recebeu o nome de Nossa Senhora da Piedade, porque assim com Maria acolhe o filho nos braços, também seriam acolhidos todos os que necessitassem de ajuda ou de conforto. Ditadas as bases do Culto, após responder em Latim e Alemão às perguntas dos sacerdotes ali presentes, o Caboclo das Sete Encruzilhadas passou à parte prática dos trabalhos, curando enfermos, fazendo andar aleijados. Antes do término da sessão manifestou-se um Preto velho, Pai Antônio, que vinha completar as curas. Nos dias seguintes, verdadeira romaria formou-se na Rua Floriano Peixoto. Enfermos, cegos, paralíticos vinham em busca de cura e ali a encontravam, em Nome de Jesus. Médiuns, cuja manifestação mediúnica fora considerada loucura, deixaram os sanatórios e deram provas de suas qualidades excepcionais.

Testemunhas que presenciavam o fato contam que médicos dos sanatórios mandavam a relação de seus doentes e a entidade, incorporada em Zélio apontava as que eram portadoras de perturbações psíquicas: - Estes, eu posso curar – e os acolhia na residência do médium. Os outros eram realmente enfermos mentais; a cura competia à medicina.

Se a prática dos trabalhos maravilhava a todos e as curas de obsedados se repetiam diariamente, a doutrina do culto era estruturada em reuniões semanais, às quintas-feiras, na residência de Zélio. O Caboclo das Sete Encruzilhadas explicava os seus conceitos de fraternidade e de humildade, lembrava as passagens principais do Evangelho, recomendava o procedimento correto na vida material, o cuidado indispensável com a saúde, as normas de moral elevada e o “dai de graça o que de graça recebestes”. Dizia Ele: são três os perigos que ameaçam o médium: a vaidade, a consulente mulher o médium homem e vice-versa: e o dinheiro, a vil moeda que leva o homem a perder o caráter, e o médium que mercantilizar a sua missão, a faltar aos compromissos com o Mundo Superior.

Embora não seguindo a carreira militar a que se destinava, pois sua missão mediúnica não o permitiu, Zélio nunca fez profissão da mediunidade. Trabalhava para o sustento de sua família e diversas vezes contribuiu financeiramente para manter os templos que o Caboclo das Sete Encruzilhadas fundou.